

O TEATRO NEGRO DO GRUPO O POSTE SOLUÇÕES LUMINOSAS E A SUA “RECEITA” DE CONTRACOLONIALIDADE

Nazaré Sodré da Silva (Naná Sodré)¹

Resumo: Esta escrita em primeira pessoa, que assume as características de uma escrita performática f(r)iccional (Lyra, 2020), constitui parte da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A pesquisa intitulada “A Receita – Pisando o Alho no Teatro Negro com as Mulheres Negras”, foi apresentada por Nazaré Sodré da Silva, em arte Naná Sodré, orientada pela Profa. Dra. Luciana Lyra. Na pesquisa o espetáculo *A Receita*, que aborda a violência contra a mulher negra, está no centro da investigação, como exemplo de Teatro Negro feito pelo grupo O Poste Soluções Luminosas. Na escrita em questão apresento uma espécie de biografia do grupo e relatos da sua criação e experienciais, O *Poste* é destacado aqui como possibilidade de compartilhamento de suas práticas e caminhos em prol de um movimento contra colonial (Santos, 2015) como em um aquilombamento (Nascimento, 1985; Dias, 2022). A escrita partirá de reflexões sobre teatro negro (Lima, 2011; Barbosa, 2021) e feminismo negro (Gonzalez, 2018), baseando-se numa poética do corpo e ancestralidade (Santos, 2015).

Palavras-chave: O Poste Soluções Luminosas; Teatro Negro; Contracolonial; Mulheres Negras.

¹ Mulher negra, mãe, mestre em Artes Cênicas pela UFRN, com a dissertação intitulada “A Receita - Pisando Alho no Teatro Negro com Mulheres Negras”. Pesquisadora do grupo Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes - MOTIM/UERJ. Professora em Artes Cênicas pela UFPE. Fundadora do grupo de Teatro Negro *O Poste Soluções Luminosas*, professora e coordenadora do *Projeto Escola O Poste de Antropologia Teatral*.

THE BLACK THEATER FROM THE GROUP O POSTE SOLUÇÕES LUMINOSAS AND ITS “RECIPE” FOR COUNTERCOLONIALITY

Abstract: This first-person writing, which takes on the characteristics of fictional performative writing (Lyra, 2020), constitutes part of the master's thesis presented to the Postgraduate Program in Performing Arts at the Federal University of Rio Grande do Norte, in the Research Line: Scene Interface, Policies, Performances, Culture and Space. The research entitled “The Recipe – Stepping on Garlic in the Black Theater with Black Women”, was presented by Nazaré Sodré da Silva, in art Naná Sodré and guided by Profa. Dra. Luciana de Fátima Rocha Pereira Lyra. It is a Performative Research, which has the solo show *A Receita*, which addresses violence against Black women, as the center of the investigation and an example of Black Theater. The research aims to reflect on how to create articulated actions with a view to opening paths that oppose violence, in favor of encouraging the social healing of Black women. The solo *A Receita* is part of the repertoire of the Black Theater group *O Poste Soluções Luminosas*, highlighted here as a possibility of sharing their practices and paths in favor of a countercolonial movement (Santos, 2015) as in an *Aquilombamento* (Nascimento, 1985; Dias, 2022). In addition to the path already presented, the writing will start from reflections on Black theater (Lima, 2011; Barbosa, 2021) and Black feminism (Gonzalez, 2018), based on a poetics of the body and ancestry (Santos, 2015).

Key Words: *O Poste Soluções Luminosas*; Black Theater; Contracolonia; Black Women.

Figura 1 – Foto do solo *A Receita*, cena “VE-NE-NO!”, no Festival de Teatro do Agreste (FETEAG – 2017), em Caruaru-PE



Fonte: Jorge Farias (2017)

Eu já trabalhava com iluminação cênica quando fundei o grupo *O Poste Soluções Luminosas*. Ele nasceu do sonho de agregar forças, compartilhando as inúmeras tarefas que a profissão do iluminador cênico exige, como: o diálogo com as produções e outros criadores, estudo do espaço/set, a apreciação de ensaios, o estudo do texto, a feitura de mapas de luz e *riders* de refletores, a montagem dos equipamentos e a operação do que foi criado, e, por último, a coordenação técnica de festivais e formações. Tarefas que se fossem feitas em grupo teríamos mais “respiro” e um fortalecimento, pois essas ações são realizadas em contextos e ambientes tradicionalmente compostos por homens e uma parcela deles não apoia a inclusão das mulheres nesse setor.

O fato de um grupo de iluminação ter sido criado por uma mulher preta já fomenta a mudança de paradigma em relação aos espaços normalmente ocupados e liderados por homens. Em 2004, chamei Noah Jofilsan² e Isabela

² Noah Jofilsan é graduado em Desing, pela Universidade Federal de Pernambuco.

Bastos³ – naquele momento, colaboradores do grupo *Teatro Marco Zero* –, para integrar o que seria a primeira formação do grupo *O Poste Soluções Luminosas* que perdurou até o ano de 2006.

Depois da saída dos companheiros desta primeira formação, Agri⁴, que também era colaboradora do grupo *Teatro Marco Zero*, entrou no *O Poste* em 2006. Mas nos conhecemos um pouco antes, quando Agrinez realizou uma entrevista comigo no Teatro Hermilo Borba Filho durante a montagem de um espetáculo, cumprindo as diretrizes de um conteúdo programático da Universidade Federal de Pernambuco, na qual cursava Licenciatura em Educação Artística, com Habilitação em Artes Cênicas.

Agrinez continua no *O Poste* até os dias atuais. Depois da sua entrada outras atrizes também passaram pelo grupo⁵, como Monalze Ribeiro⁶ e Eliz Galvão⁷. Monalze vivenciou não só o processo de transição do grupo - *O Poste*, a partir de 2008, passaria a ser um grupo de investigação e produção cênica – como, também, participou do primeiro espetáculo do grupo, o *Cordel do Amor Sem Fim*. Após a sua saída, em 2010, foi substituída pela atriz e produtora Eliz Galvão, que, por sua vez, saiu do grupo em 2012.

³ Isabela Bastos é formada em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas, pela Universidade Federal do Pernambuco.

⁴ Apelido de Agrinez Melo. Formada em Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas, pela Universidade Federal de Pernambuco. Atriz, professora, figurinista, produtora e mestre em Artes Cênicas pela UFRN e pesquisadora da matriz africana.

⁵ Nesse período, ainda enquanto grupo de iluminação, *O Poste* viveu um curto mas intenso espaço de tempo, uma constituição só de mulheres negras, narrativa importante a ser visibilizada.

⁶ Monalze Ribeiro é formada em Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas, pela Universidade Federal de Pernambuco.

⁷ Atriz, publicitária e produtora cultural.

Figura 02 – Premiação de Melhor Iluminação da Categoria “Teatro para Crianças” pelo espetáculo *O Amor do Galo pela Galinha D’Água*⁸



Fonte: Arquivo APACEPE (2006)

Torno a expressar que, quando tive o desejo de trabalhar como atriz no grupo *O Poste*, dei-me conta de que naquele período na cena pernambucana existia uma ausência de atrizes e atores negros, e esse foi um ponto crucial para me assumir negra, negra na vida e negra na arte.

Eu e Agrinez conversávamos sobre um espetáculo possível que intitulamos de *Caixa de Buceta*⁹. Seria interessante falar sobre mulheres, já que trabalhávamos com muitos homens, mesmo tendo, naquele momento, o letramento racial em construção, sentia que no *O Poste* poderíamos falar de algo mais nosso.

Meu companheiro, Samuel Santos, acompanhando nosso movimento, apresentou-nos o texto *Cordel do Amor Sem Fim*, de Cláudia Barral, como possibilidade de um bom começo para *O Poste* enquanto grupo de teatro. Em 2008, começamos o processo de montagem do espetáculo. Após a estreia, em 2009, no Cine Teatro Apolo, Samuel entrou definitivamente para o grupo.

⁸ Na 13ª edição do Prêmio Apacepe de Teatro e Dança, Festival Janeiro de Grandes Espetáculos, registrada, em 31 de janeiro de 2006, em Recife-PE. Da esquerda para direita: Agrinez Melo, Naná Sodré e Romildo Moreira

⁹ Inspiração vinda após termos assistido, em Recife-PE, o espetáculo *A Procissão*, de Gero Camilo. A encenação aproximava o público da plateia e as lutas sociais abordadas nos fomentaram reflexões em relação às questões de gênero.

O *Poste* passava a iluminar-se!

Os trabalhos com a iluminação cênica nesse período cessaram, pois decidi me dedicar a vivência de atriz. A menina Naná que queria ser artista, entra, a partir de agora, numa seara na qual o trabalho de iluminação, pela sua natureza, não dá conta: que é a visibilidade política e positiva da artista negra na cena. Agora eu saía da mesa de luz, para ser iluminada no palco com continuidade.

Esse posicionamento foi um ponto de virada importante para o grupo O *Poste*, marcou a sua transição da linha técnica para a linha artística estética, uma estética negra. Mudança importante também para a cena local, pois muitos ainda veem o trabalho da técnica em uma escala menor ou subalterna. Enquanto nós, mulheres negras, estivéssemos lá, estava tudo bem, mas quando decidimos encarar o palco, visibilizando a nossa tez e narrativas, percebemos que estávamos mexendo com as estruturas do racismo.

A professora Leda Maria Martins na obra *A Cena Em Sombras* (1995), quando fala sobre os valores que estabelecem marcas de poder, definindo lugares, funções e falas, explicita:

A sociedade ocidental tem-se prodigalizado na produção de enunciados sobre o negro, através dos quais se legitimam sistemas e regimes de exclusão, como o escravismo, o apartheid, a marginalização econômico- social. Na África do Sul, no Brasil, nos Estados Unidos, por exemplo, os enunciados verdadeiros sobre os negros fazem circular, por meio de procedimentos e artifícios variados, um discurso do saber que sanciona práticas de domínio e violência. (Martins, 1995, p. 35)

Lélia Gonzalez, em *Primavera para as rosas negras*, também discorre acerca do não lugar das atrizes negras no Brasil:

Numa profissão como a de atriz, por exemplo, pode-se perceber muito bem como funciona o racismo “à la brasileira”. Por que será que no teatro, no cinema ou na tevê as atrizes negras só vivem personagens secundários e subalternos (sobretudo como empregadas domésticas) ou, quando muito, personagens que fazem o gênero “erótico-exótico”? Será por que são profissionais incompetentes ou por que só têm oportunidade de desempenhar papéis que reforçam imagem de inferiorização da negra? (Gonzalez, 2018, p. 129)

Definitivamente, não éramos vistas como possibilidade dentro da cena teatral. Mas como o Teatro Negro tem uma relação direta com a necessidade de abordar questões que muitas vezes são invisibilizadas, seguimos em frente. O *Poste* ampliou seu campo de atuação, tornou-se também um grupo de produção artística e pesquisas teatrais.

Já com esse perfil, o grupo vem, há 19 anos, desenvolvendo uma atividade de pesquisa na matriz africana e a tem como base de uma ancestralidade corporal e vocal pelo viés artístico-teatral, traçando um cruzamento entre as manifestações dos Orixás nos terreiros de Candomblé, entidades e guias da Umbanda/Jurema, e as qualidades de movimento que estruturam e embasam os nossos corpos, o imaginário da matriz africana e sua força motriz que fazem parte do processo de construção e reconstrução dos nossos trabalhos.

Figura 03 – Grupo *O Poste Soluções Luminosas*, registrada em 12 de agosto de 2021, em Recife – PE



Fonte: Arquivo *O Poste Soluções Luminosas* (2024)

Eu, Agrinez e Samuel formamos um grupo de Teatro Negro em continuidade, com sede na cidade do Recife-PE, com pesquisa em matriz africana e afro-indígena e que comunga com a definição de Teatro Negro exposta pela professora Evani Tavares Lima:

Em sentido amplo, teatro negro, o termo, está aqui tomado (em sentido amplo) como o conjunto de manifestações espetaculares

negro-mestiças, originadas na Diáspora, que lança mão do repertório cultural e estético de matriz africana, como meio de expressão, recuperação, resistência e afirmação da cultura negra. (Lima, 2011, p. 82-83)

A professora ainda classifica o termo em três categorias, a (I) performance negra, que não necessita necessariamente de plateia para acontecer, como, por exemplo, o Cavalo- Marinho e a Capoeira, assim como as expressões de caráter religioso, como o Candomblé e as Congadas; o (II) teatro de presença negra, feito por negros ou de expressão negra e que necessita da presença do público; e o (III) teatro engajado negro, um teatro de militância, comprometido com as ações afirmativas para a negritude, um teatro político.

Onisajé, em sua tese de doutorado intitulada *Teatro Preto de Candomblé: uma construção ético-poética de encenação e atuação negras* (2021), também traz os escritos da professora Evani, assim como outras vozes da cena preta teatral e compartilha o seu entendimento sobre o Teatro Negro:

Nutrida pelas definições apresentadas, reúno-as para estabelecer pontos de contato com esta pesquisa e a partir delas entender o Teatro Negro como aquele que abrange o conjunto de expressões espetaculares negras, originadas no continente africano ancestral ou contemporâneo e nas diásporas africanas pelo mundo, que lança mão do repertório cultural, ético, poético e estético de matrizes africanas e afro-brasileiras, como meio de expressão dos desejos do criador e da criadora negra, além de ser veículo de recuperação, resistência e/ou afirmação da cultura negra. Em resumo, um teatro idealizado, concebido, dirigido, escrito, executado e produzido por pessoas pretas, e que coloca em protagonismo a história e as contribuições culturais, sociais, econômicas, intelectuais, artísticas, éticas e filosóficas desta comunidade. (BARBOSA, 2021, p 65)

Onisajé ainda reforça como observação, na nota de rodapé, que “o fazer teatral que se afastar ou se aproximar desta definição deixará evidente o grau de implicação e empretecimento defendido pelo pensamento apresentado” (Barbosa, 2021, p. 65). Essa premissa nos alerta para a dimensão ampla e diversa do campo do Teatro Negro, e problematiza que existem manifestações que têm maior engajamento com as questões afrocêntricas do que outras.

O Teatro Negro no Brasil também representa um espaço de afirmação e representatividade negra em resposta à discriminação racial. Esse teatro é composto por grupos que desenvolvem um trabalho analítico, com compromisso

estético e político tendo em vista a defesa dos direitos civis da comunidade negra na nossa sociedade. O compromisso com o empoderamento que coloca as questões políticas e ações afirmativas para a negritude no centro das discussões, são características de um fazer teatral preocupado com a criação de novas narrativas para o povo negro.

Parafrazeando a professora Evani: “temos que sair do lugar”, ou seja, o “não sair do lugar” (Lima, 2011 p. 86) está diretamente relacionado as produções e ao comportamento que insiste em retratar o negro apenas no ambiente da pré-abolição na condição de escravizado, colaborando com o imaginário do negro servil, sem ação e sem direitos.

As criações de novas narrativas para o povo negro, movem as ações do grupo *O Poste*, pois foi a partir da ausência de atores e atrizes negras na cena pernambucana que percebemos a necessidade de criarmos espaços para a visibilidade dos nossos trabalhos e o fortalecimento das nossas práticas. Visibilizando positivamente as nossas produções, poderíamos mudar o quadro do racismo estrutural vigente na nossa sociedade.

Os caminhos de uma “receita” negra

A Biomecânica, de Meyerhold e as qualidades de movimento que compõem os exercícios desenvolvidos por Michael Chekhov, o Teatro Antropológico de Eugênio Barba e o percurso de Grotowski, estruturaram a formação inicial do grupo *O Poste Soluções Luminosas*. Seja através da academia, participando de cursos ou oficinas de formação continuada, imersões ou workshops, todos do grupo vivemos esse atravessamento com o teatro europeu. Porém, com o passar dos anos, e com o fortalecimento diante do assumir-se cada vez mais como um grupo de Teatro Negro, fizemos o caminho de “volta para casa” em relação às nossas raízes ancestrais.

Quando retorno para minha ancestralidade, estou procurando também os meus mais velhos, os que vieram antes, o legado deixado. E na busca, começamos a impulsionar a construção de um conhecimento preto que dialogasse com a nossa natureza, costumes, cultura e vivência, considerando os nossos corpos e saberes.

A verdade é que o teatro europeu, por mais que trabalhe a transculturalidade em algumas vertentes, não dá conta das questões pertinentes a um teatro com bases afrocêntricas. É importante reconhecer isso, pois a manutenção da Europa no centro da produção do conhecimento é uma questão a ser refletida, principalmente quando se é uma mulher negra em diáspora.

Por isso a necessidade de partir para uma poética metodológica própria e preta, com o objetivo de criar exercícios, técnicas e outras formas de imersão, que são compartilhadas com estudantes em formação e atores que trabalham conosco em nossos espetáculos. Para tanto, criamos e realizamos a pesquisa intitulada *O Corpo Ancestral dentro da Cena Contemporânea*, e demos início ao processo de contracolonialidade das nossas práticas.

O processo de contracolonialidade é a instância na qual enfrentamos, enquanto um grupo de teatro negro, os símbolos e os códigos da colonização na arte que fazemos. É quando lançamos mão, criamos e organizamos metodologias próprias que dão conta do nosso sentido de ancestralidade e pertencimento.

A criação da pesquisa *O Corpo Ancestral dentro da Cena Contemporânea* a foi base da contracolonização que o grupo *O Poste* vivência, pois acessar os terreiros e todo o conhecimento ancestral de orixás e guias, já representa o contrário do movimento colonial, que se pauta fortemente na religião monoteísta.

O professor Antônio Bispo dos Santos, em seu livro *Colonização e Quilombo: modos e significações* (2015), compartilha o entendimento de contra colonização:

E vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios. Assim sendo, vamos tratar os povos que vieram da África e os povos originários das Américas nas mesmas condições, isto é, independentemente das suas especificidades e particularidades no processo de escravização, os chamaremos de contra colonizadores. O mesmo faremos com os povos que vieram da Europa, independentemente de serem senhores ou colonos, os trataremos como colonizadores. (Santos, 2015, p. 48)

O professor, que também via os quilombos como comunidades contracoloniais, fala de povos, etnias e territórios. Aqui parafraseio a sua abordagem e nomeio como contracolonial a vivência nos terreiros, e como colonial as técnicas e práticas teatrais com base e sustentação eurocêntrica.

A pesquisa, que começou a ser pensada em 2013, foi realizada durante os anos de 2015 a 2019, e consistia em visitar terreiros e vivenciar os rituais do Candomblé e Umbanda/Jurema e contou com a assessoria da Profa. Dra. em Antropologia Danielle Perin Rocha Pitta¹⁰. Foi realizada em dois terreiros: o Ilê Obá Aganjú Okoloyá, conhecido como terreiro de Mãe Amara¹¹, de tradição Nagô, localizado no bairro de Dois Unidos, zona norte da cidade de Recife-PE; e no terreiro de Umbanda/Jurema, o Centro Espírita Cabocla Genoveva, que tem como Babalorixá o Pai Caê (José Pereira de Lima), terreiro localizado no Alto do Brasil, também na zona norte de Recife.

A pesquisadora em Dança Helaynne Sampaio também participou da pesquisa, ministrando a oficina de dança Ajô Nagô, que tinha como premissa central exaltar a importância dos Orixás como representativos das forças divinas propulsoras da história africana no Brasil.

O eixo da pesquisa se enquadrava dentro de um processo de energia física e mental de observação do movimento dos Orixás e guias, seus arquétipos e seus elementos e como esses fatores estão representados na movimentação dos corpos nos rituais, vislumbrando, a partir disso, a possibilidade de transfiguração do espaço, no surgimento de outras matrizes vocais e comportamentais. Após a observação, eu, Samuel e Agrinez fomos para a sala de ensaio com os materiais reunidos na pesquisa e vivenciamos os movimentos nos nossos corpos com o objetivo de sentir os pontos energéticos que impulsionavam os movimentos de cada guia e Orixá observados. Por exemplo, percebemos que quando os filhos da casa viraram com o Orixá Oxalufã, o Oxalá velho/ancião, os seus corpos curvavam e suas costas e impulsionavam toda a movimentação daquele corpo guardião do “peso” do tempo em curvas.

¹⁰ Além da assessoria antropológica na pesquisa, a professora Danielle também assessorou o grupo *O Poste* na montagem do espetáculo *Ombela*, falado em Umbundo e português.

¹¹ Mãe Amara, a Yalorixá Amara Mendes da Silva, partiu para o Orum em 03 de fevereiro de 2021.

Figura 04 – “Gira de Diálogos”, evento de compartilhamento da pesquisa *O Corpo Ancestral dentro da Cena Contemporânea*



Fonte: Fernando Azevedo (2024)

Então, para a composição de um corpo cênico com essa equivalência, levei em consideração o aterramento dos pés, a composição das bases (joelhos e pernas), o encaixe dos quadris, a curvatura das costas e a leve movimentação do pescoço de forma ondulatória.

Como a energia desse corpo é impulsionada pelas costas, experimentamos diversas ações físicas levando em consideração a postura das costas e ações físicas, como por exemplo: puxar, jogar e acenar. Essas ações podem formar uma partitura atravessada por diversas qualidades de movimentos.

Os orixás que compõem a pesquisa são: Exu, Oxóssi, Ogum, Oxum, Ossain, Iansã, Nanã, Oxalufã, Oxaguian, Xangô, Obá e Yemanjá. E os guias são: Cabocla Genoveva, Vô Joaquina, Exú Tranca Rua das Almas, Zé Pilintra, Zé do Beco e Pombagira do Cemitério.

Figura 05 – Aula do componente “O Corpo Ancestral”



Fonte: Arquivo *O Poste Soluções Luminosas* (2024)

Após a realização da pesquisa, os espetáculos e as formações produzidos pelo grupo *O Poste* são atravessados pela prática dessa poética ancestral. Parafraseando a professora Evani (2015), mais uma vez, “O Poste sai do lugar”, pois a pesquisa preenche a lacuna de uma prática contracolonial, fomentando outra episteme necessária ao teatro feito no estado que foi o último a abolir a escravidão.

A partir daí, não estamos mais sozinhos, pois a vivência com os ancestrais retoma as sensações do tempo espiralar e do retorno contínuo da conexão com o sentido de pertencimento, o sentido de existir e fazer parte.

Professora Evani, em relação a sua pesquisa afrocentrada, expõe:

De quando me iniciei na pesquisa a respeito dessa temática, na década de mil novecentos e noventa, até então, devo dizer que já não me sinto tão sozinha. Pois vejo muitos horizontes do que via no início da caminhada. Questões e descobertas que se apresentam, a cada passo, dos parceiros e parceiras de caminhada, de nossos interlocutores e debatedores. Penso que esses desafios apresentados por cada nova situação, propiciam a necessária dinâmica do estar em movimento. Nos agrega a

novos e velhos pares, enfim, possibilitam o encontro de novas respostas e de outros caminhos. (Lima, 2015, p. 94)

Como “sementes” dos que vieram antes, o grupo *O Poste* segue agregando pares e artistas. O Teatro Experimental do Negro (TEN-SP), de Abdias do Nascimento¹² e o Teatro Profissional do Negro (TEPRON-RJ), de Ubirajara Fidalgo¹³, são exemplos de organizações assumidamente comprometidas, no início dos anos 1970, com a luta dos direitos civis, pois as ações desses coletivos abarcavam outras frentes além da linguagem cênica.

O Teatro Experimental do Negro – TEN – iniciou sua tarefa histórica e revolucionária convocando para seus quadros pessoas originárias das classes mais sofridas pela discriminação: os favelados, as empregadas domésticas, os operários desqualificados, os frequentadores dos “terreiros”. Com essa riqueza humana o TEN educou, formou e apresentou os primeiros intérpretes dramáticos da raça negra - atores e atrizes - do teatro brasileiro. (Nascimento, 1978, p. 129)

O TEN sustentava, em sua estrutura, objetivos que representavam a construção da caminhada do Teatro Negro Contemporâneo, como a importância da recuperação e visibilidade do legado africano no Brasil. “Esse objetivo, como é frequente nos movimentos e nas ações antissistêmicas, parecem excessivos, vistos com olhos de hoje. Mas, no caso do TEN, deixou um legado, ideológico e estético, que se estende até agora” (Santos, 2014, p. 133).

Os que vieram antes com suas experiências nos fortalecem na construção das nossas práticas, nos nossos aquilombamentos, agregando, além de pares e artistas, pesquisadores e público no nosso “quilombo urbano”: *O Espaço O Poste Soluções Luminosas*.

A professora Leda Maria Martins (1995), expõe o pensamento de Margaret Wilkerson¹⁴, quando aponta a relação do teatro negro com a plateia e o pensamento de que “o teatro na comunidade negra é um evento”:

¹² Abdias do Nascimento – ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político, ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras e idealizador do TEM - Teatro Experimental do Negro.

¹³ Ubirajara Fidalgo da Silva, mais conhecido pelo nome artístico Ubirajara Fidalgo, foi um dramaturgo, ator, produtor, empresário, apresentador de TV, diretor de teatro brasileiro cocriador do Teatro profissional do Negro – T.E.P.R.O.N.

¹⁴ Professora Emerita da Universidade da Califórnia, Berkeley.

Dessa reflexão, derivam algumas definições de considerável relevância para a compreensão do gênero: a noção de teatro como um evento, um acontecimento de integração comunitária, o que remete à própria noção de teatralização da cultura negra, que transforma cada incidente da vida num modo de representação teatral; a reposição da plateia como um elemento significativo que participa, ativamente da dinâmica do espetáculo. (Martins, 1995, p. 86)

O Espaço *O Poste* agrega várias ações na sua agenda anual e conta sempre com a participação ativa de seu público, formado, em sua maioria, por pessoas de terreiro, estudantes, pesquisadores da matriz afroindígena e apreciadores da nossa poética. O público foi sendo fortalecido à medida que nossas ações aconteciam no Espaço *O Poste*, não apenas como um espaço de fruição, mas também como um aquilombamento.

Ainda em relação aos que vieram antes, também somos sementes do poeta pernambucano Solano Trindade, que trabalhou em defesa do Teatro Negro no TEN, junto com Abdias Nascimento e no seu quilombo em Embu das Artes. Solano Trindade nasceu na cidade do Recife-PE, em 1908, e na infância já reconhecia a riqueza da cultura popular, como Coco, o Pastoril e as manifestações ligadas a Zona da Mata, agreste e sertão do estado. Organizou a Frente Negra Pernambucana, em 1934, e iniciou as atividades do Centro de Cultura Afro-brasileira, onde desenvolvia o teatro social. Em 1944, lançou o seu primeiro livro de poemas e em 1950, já no Rio de Janeiro, fundou, junto com a sua esposa Margarida, o Teatro Popular Brasileiro (TPB). Sete anos depois, se mudou para São Paulo, para a cidade de Embu das Artes, em que hoje está localizado, desde 1975, o Teatro Popular Solano Trindade, espaço cultural fundado pela Artista plástica, coreógrafa e folclorista Raquel Trindade, a filha do poeta.

E aqui, enquanto escrevo, reflito sobre a importância do trabalho das mulheres nos espaços e a importância desse trabalho ser visibilizado e ancorado. O lugar da mulher no teatro, o lugar da mulher negra no teatro.

Figura 06 – Estreia do espetáculo *A Receita* na inauguração do Espaço *O Poste Soluções Luminosas*¹⁵



Fonte: Arquivo O Poste Soluções Luminosas (2024)

O Espaço *O Poste Soluções Luminosas* foi inaugurado no dia 06 de setembro de 2014, com a estreia do espetáculo *A Receita*. Na ocasião, falei da importância dos fomentos aos espaços alternativos e como a manutenção de espaços como esses são importantes para a formação da cadeia produtiva das artes no nosso estado.

O espaço acolhe, entre diversas ações, o Festival Luz Negra - O Negro em Estado de Representação, evento coordenado por Samuel Santos e produzido pelo grupo *O Poste*, que consiste em um festival de artistas negres de diversas linhas artísticas. A sua IV edição foi realizada de forma on-line durante o *lockdown* (confinamento), de 18 a 28 de março de 2021.¹⁶

Um dos principais objetivos do festival é visibilizar os artistas participantes, criando redes de intercâmbio e troca de saberes entre os artistas

¹⁵ Registrada em 06 de setembro de 2014, em Recife-PE. Da esquerda para a direita: Eu, Samuel Santos e Agrinez Melo.

¹⁶ Durante o período de confinamento, ocasionado pela pandemia do Coronavírus (COVID 19), nossas atividades presenciais foram interrompidas e passamos a desenvolvê-las de forma on-line, com apoio de leis emergenciais como a Lei Aldir Blanc, de forma independente e, também, com o auxílio de campanhas de arrecadação de fundos e doações. As ações foram transmitidas pela plataforma StreamYard, programa de produção de conteúdo ao vivo da plataforma YouTube, no canal O Poste Soluções Luminosas YouTube @opostesolucoesluminosas1169.

e o público que prestigia o evento. O festival é direcionado para vários públicos, classes e idades, com políticas afirmativas de acesso para pessoas negras e acessibilidade comunicacional.

Figura 07 – Card de divulgação nas redes sociais do “I Festival Luz Negra – O Negro em Estado de Representação”, divulgado no período de 19 a 29 de outubro de 2018



Fonte: Arquivo O Poste Soluções Luminosas (2024)

Figura 08 – Divulgação da “IV edição do Festival Luz Negra – O Negro em Estado de Representação”¹⁷

Festival Luz Negra apresenta espetáculos online a partir desta quinta-feira (18)

Com programação focada em artistas negros, o projeto é comandado pelo grupo O Poste Soluções Luminosas

Por Portal Folha de Pernambuco
 18/03/21 às 08:00 atualizado em 18/03/21 às 08:03

ouça este conteúdo readme.ai

expediente "Ubuntu" faz parte da programação - Foto: Leandro Lima/Divulgação

O grupo O Poste Soluções Luminosas promove, desta quinta-feira (18) até 28 de março, a quarta edição do Festival Luz Negra - O negro em estado de representação. Por causa da pandemia do novo coronavírus, a programação assume o formato online e ganha as

SÃO MAIS DE 20 OPÇÕES

Fonte: Arquivo O Poste Soluções Luminosas (2024)

¹⁷ Realizado no formato on-line, no período de 18 a 28 de março de 2021 (durante a quarentena).

No ano de 2020, com a pandemia do Coronavírus (Covid-19), o Espaço O Poste, assim como muitos outros espaços culturais, fechou suas portas.

Figura 09 – Card de divulgação nas redes sociais da campanha #apoieoespaçooposte no período pandêmico de 2020



Fonte: Arquivo O Poste Soluções Luminosas (2024)

Após a organização de uma “vaquinha virtual”/crowdfunding, conseguimos mudar de endereço, permanecendo no centro do Recife, mas em outro ponto mais acessível financeiramente para a continuidade das nossas ações, pois o espaço não recebe nenhum incentivo governamental ou municipal para a sua manutenção.

Outra ação importante para o “quilombo urbano” é o *Projeto Escola O Poste de Antropologia Teatral*, que, no ano de 2023, realizou a sua terceira edição, fomentando a formação contracolonial no campo do teatro. Todos os professores/colaboradores da escola são pesquisadores e os componentes do programa dialogam entre si na perspectiva de vivenciar epistemologias afro-indígenas na construção do material artístico na vivência de cada estudante.

A Antropologia Teatral na *Escola O Poste* é um caminho, uma investigação sobre o comportamento fisiológico e sociocultural da/do atuante em estado de representação em diversas culturas. E um dos aspectos mais importantes dessa investigação transcultural é a identificação dos princípios que se repetem e princípios que retornam no momento em que essas representações são realizadas.

Figura 10 – Aula “Tradições da Mata: Cavalo-Marinho e Maracatu de Baque Solto na construção do ator”¹⁸



Fonte: Arquivo *O Poste Soluções Luminosas* (2024)

A partir daí, podemos analisar esse aspecto utilizando os componentes, como exemplo, para pensar quais os princípios que retornam na Capoeira Angola¹⁹, no Corpo Ancestral dentro da Cena Contemporânea (pesquisa do grupo *O Poste* com Orixás e guias) e no Cavalo - Marinho.²⁰

Inaicyra Falcão, em seu artigo *Corpo e Ancestralidade: Uma configuração estética afro-brasileira* (2015) compartilha os caminhos de sua poética/estética na sua sistematicidade, onde as improvisações do intérprete,

¹⁸ Ministrada por Andala Quituche – Atriz, escritora, dramaturga e pesquisadora das manifestações populares e culturais da Zona da Mata pernambucana –, na “III edição da Escola O Poste de Antropologia Teatral”, registrada em 18 de julho de 2023, em Recife-PE

¹⁹ Jogo ancestral de origem negra, praticado em roda e composto por cantos, ritmo, brincadeira, malícia, ginga e espiritualidade.

²⁰ Folgado brasileiro de terreiro, típico dos estados da Paraíba e de Pernambuco, composto por representação, música e dança.

junto com o seu material interno, estruturam a sua identidade e colaboram na criação de um corpo que assimila total ou parcialmente os estímulos:

O processo é realizado em experimentações, visando buscar significações e novas possibilidades, para que estruturam uma identidade. As improvisações tornam possível ao intérprete somar a sua própria experiência ao tema proposto. Este último vai incorporar uma cultura corporal, a percepção do corpo que dança e a dos estímulos propostos, e a sua história. A memória coletiva é continuada no entendimento dos corpos dos intérpretes, na busca de expressões significativas de uma teatralidade. O grau de assimilação parcial ou total realiza-se, levando em conta um complexo emaranhado de condições físicas, resistências ou absorções de cada um. A repetição das matrizes são características fundamentais e se transformam com a dinâmica, os espaços, os estímulos, sensitivos, sensoriais e textuais. (Santos, 2015, p. 82)

Na pesquisa *O Corpo Ancestral*, do grupo *O Poste*, a improvisação também fortalece a identidade do atuante, para que sejam vivenciados os pontos energéticos que impulsionam cada ação, cada movimento. Centro do peito, pélvis, costas, centro da testa e diversos outros, possibilitando a consciência corpórea das construções criativas. Esse é o princípio da nossa pesquisa.

Todas essas manifestações são imbuídas de ritualidade e os corpos dos atores revelam oposições, equilíbrios em ação, dilatações, contrações, omissão, decisão e equivalências, ou seja, princípios que retornam.

Durante as aulas da escola, apontamos para os estudantes a importância da identificação desses princípios em cada componente, para que haja uma construção autônoma de ações físicas e vocais, exercitando a memória do corpo na construção de partituras para a cena.

Figura 11 – Aula “Capoeira no Jogo do Ator”, ministrada por Gabi Conde²¹, na “III edição da Escola O Poste de Antropologia Teatral”



Fonte: Arquivo *O Poste Soluções Luminosas* (2023)

É muito interessante observar que, a certa altura, a base corporal da Capoeira²² que propicia a feitura de movimentos como a ginga e a esquivada, pode ser encontrada num corpo de uma “figura” (personagem) do Cavalo-Marinho, assim como também na equivalência da energia do orixá Oxóssi. E são com esses princípios que se repetem no Teatro Negro que a *Escola O Poste de Antropologia Teatral* trabalha.

Nessa terceira edição, ministrei os componentes “O Corpo Ancestral na Cena Contemporânea” e “Voz Criativa”, e os estudantes tiveram contato com expressões culturais pernambucanas, como o Cavalo-marinho e o Maracatu rural, performance negra como a Capoeira Angola, exercícios ancestrais baseados nos movimentos dos Orixás e na tradição indígena como aporte de treinamento para o seu desenvolvimento técnico e identitário, vivência de diferentes técnicas oriundas de outras culturas, como o Tai Chi Chuan, e ainda estudos sobre a utilização da voz e criação de figurino.

²¹ Professora e pesquisadora da Capoeira de Angola. A ação foi realizada em 18 de julho de 2023, em Recife-PE.

²² Pessoa que joga capoeira.

Figura 12 – Card de divulgação nas redes sociais do componente curricular “O Corpo Ancestral”²³



Fonte: Arquivo O Poste Soluções Luminosas (2023)

Os participantes tiveram a oportunidade de experienciar o entendimento acerca da dinâmica dos exercícios propostos por Eugenio Barba, Michael Chekhov e Grotowski, para que tivessem a consciência do movimento contracolonial que fizemos para confluir e desaguar na pesquisa *O Corpo Ancestral* dentro da Cena Contemporânea, em prol do enegrecimento das nossas teorias.

Assim como no conceito de comportamento restaurado defendido por Schechner (2006), que nos conscientiza de que a performance é o resultado de algo que já vivemos, de algo que já experienciamos anteriormente e estamos reproduzindo ou restaurando, o desenvolvimento da nossa pesquisa, das nossas práticas e espetáculos, é também resultado de algo que já vivemos e estamos acessando novamente. É o reencontro com os movimentos ancestrais.

²³ Realização do projeto “Escola O Poste de Antropologia Teatral”, III edição, ano 2023, Recife-PE.

Figura 13 – Aula do componente “Voz Criativa”, ministrada por Naná Sodré na “III edição da Escola O Poste de Antropologia Teatral”²⁴



Fonte: Arquivo O Poste Soluções Luminosas (2023)

Esses caminhos também dialogam com o solo *A Receita* no que concerne a possibilidade de “virar o jogo” em prol do fortalecimento do que é essencial para a vida daquela mulher anônima da cena e para a pesquisadora Naná ao reconhecer-se também neste lugar, trilhando caminhos para a cura da ferida colonial junto com outras mulheres negras.

²⁴ Registrada 15 de junho de 2023, em Recife-PE.

Figura 14 – Cena do espetáculo de conclusão de curso “Coisas que a gente deixa pelo caminho”²⁵



Fonte: Samuel Santos (2023)

O projeto *Escola O Poste* teve a duração de 08 meses e finalizou com um espetáculo composto de diversas cenas produzidas durante o processo de aprendizagem. E ao final de 8 meses mais um grupo, de aproximadamente 20 pessoas, como os alunos da foto, vivenciaram a experiência de um aquilombamento, onde uma proposta pedagógica antirracista e contracolônia representa a sua essência.

Além das montagens da escola, o grupo *O Poste* realizou as seguintes montagens profissionais: *Cordel do Amor Sem Fim* (2008), de Claudia Barral; *Anjo Negro* (2014), de Nelson Rodrigues; *Ombela* (2014), de Manuel Rui; *O Irôko, a Pedra e Sol* (2022) e *A Receita* (2014), de Samuel Santos.

Agora a *Escola O Poste de Antropologia Teatral* entrará na sua quarta edição, com as aulas iniciando ainda no mês de junho de 2024, com 08 componentes ministrados por pesquisadores de matrizes africana e indígena. Ao final de aproximadamente 7 meses de processo criativo e investigativo, estaremos a performance criada em conjunto com a turma.

²⁵ Realizado por estudantes da “III edição da Escola O Poste de Antropologia Teatral”, registrada 23 de novembro de 2023, em Recife-PE.

Nesse ano especialmente, temos duas novidades, a primeira é o fato de a performance final ser dirigida pela primeira vez por uma mulher, uma mulher negra. E ao dirigir esse processo, considero uma oportunidade de realizar o exercício político da representatividade e da visibilidade positiva de nós mulheres negras na arte. E oportuniza ao Samuel, diretor nas três edições anteriores, o contato com outros públicos. No momento, Samuel dirige *O Postinho*, grupo de jovens ligados as ações do grupo *O Poste*, são os nossos “mais novos”, como se diz nas religiões de matriz africana.

E a segunda novidade é a possibilidade de criarmos um número significativo de bolsas de estudos para jovens negres, devido a aprovação do grupo *O Poste* no edital Programa Funarte de Apoio às Ações Continuadas. O Programa da Fundação Nacional de Artes - FUNARTE, ligada ao Ministério da Cultura no Brasil, contemplou o nosso projeto intitulado *Ocupação Espaço O Poste*, que consiste numa ação continuada em forma de programação e manutenção de espaço que durará 09 meses. A ação está em andamento e reúne espetáculos, fóruns, palestras, oficinas e, ainda no caráter formativo, a nossa escola, que receberá bolsistas e participantes que poderão cursar os componentes com preços reduzidos.

E assim continuamos a plantar sementes!

Saravá!

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Fernanda Júlia (Onisajé). **Teatro Preto de Candomblé: uma construção ética- poética de encenação e atuação negras**. 249f. Tese de Doutorado em Artes Cênicas – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia. 249f. Salvador, 2021.

DE OLIVEIRA RIOS, João Tadeu. Corpo e Ancestralidade: uma Configuração Estética Afro- Brasileira. **Repertório**, v. 1, n. 24, p. 79-85, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/14831>. Acesso em: em: 23 dez. 2023.

DIAS, Luciene de Oliveira. **Aquilombamento** [Ebook]. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

FERNANDES, Ciane. Pesquisa somático-performativa: Sintonia, sensibilidade, integração. **ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, v. 1, n. 2, p. 76-95, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5262>. Acesso em: em: 23 dez. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa...** São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira. Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo. **Urdimento**, v. 2, n. 38, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/17759>. Acesso em: em: 23 dez. 2023.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 1995.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Revista Afrodiáspora**, v. 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408010/mod_resource/content/2/NASCIMENTO-Beatriz_O%20conceito%20de%20Quilombo%20e%20a%20resist%C3%Aancia%20cultural%20negra.pdf. Acesso em: em: 23 dez. 2023

O POSTE: SOLUÇÕES LUMINOSAS – PE (SITE). Escola O Poste de Antropologia Teatral. Disponível em: <https://oposteoposte.blogspot.com/search?q=escola%2BO%2BPoste%2Bde%2BAntropologia%2BTeatral>. Acesso em: 15 nov. 2023.

O POSTE: SOLUÇÕES LUMINOSAS – PE (SITE). O Corpo Ancestral. Disponível em: <https://oposteoposte.blogspot.com/search?q=O%2Bcorpo%2BAncestral>. Acesso em: 15 nov. 2023.

PORTAL DA DRAMATURGIA. Samuel Santos (biografia). Disponível em: <https://www.portaldedramaturgia.com/profile/samuel-santos>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A História do Negro no Teatro Brasileiro**. Rio de Janeiro: NovasDireções, 2014.

SANTOS, Samuel (Canal no Youtube). Cordel do amor sem fim – Grupo O Poste Soluções. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XI6_8QI397c. Acesso em: 25 dez. 2023.

SCHECHNER, Richard. What is performance? In: SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: an introduction, second edition**. New York & Londres: Routledge, 2006. p. 28-51.

SIMAS, Luiz Antônio. **O Corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

Recebido: 17/05/2024
Aceito: 25/05/2024